



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)

Luis Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)

Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)

Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)

Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)

Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)

Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)


FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil




FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMÁGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS.

Este trabalho apresenta o desdobramento de estudos realizados sobre as festas populares do país como geradoras do sentido de pertencimento e identidade das culturas subalternas. Expõe a importância das festas populares como portadoras de representações imagéticas que registram os diferentes saberes das comunidades, sua memória coletiva e os saberes transmitidos pela oralidade. Mostra essas manifestações como códigos comunicacionais das classes subalternas que se configuram em um valioso patrimônio imaterial e material. Apresenta as representações imagéticas das culturas populares subalternas como elementos de sustentação das tradições mantidas pela oralidade e também como registros e documentos para compreender como se dá a acomodação e reestruturação das novas informações e influências trazidas pelos processos comunicacionais da contemporaneidade. Destaca a importância das artes populares através do acervo do Museu de Arte Primitiva de Assis/SP “José Nazareno Mimessi”, e dos documentos do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis. E faz referência as Folias de Reis da região de Assis e Ourinhos/SP como representantes, neste texto, das culturas populares subalternas.

Palavras-chave: Festas populares; Folia de Reis; Representações imagéticas; Cultura popular subalterna.

Professora Doutora Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama

Possui doutorado em Ciências da Comunicação, área de concentração Interfaces Sociais da Comunicação, pela Universidade de São Paulo – USP, mestrado em Projeto Artes e Sociedade, área concentração Comunicações, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, graduação em Licenciatura em Educação Artística - Faculdades de Artes e Comunicação de Bauru, graduação em Bacharelado em Gravura pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Atualmente é Professora na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP/FCT – Departamento de Educação no Curso de Pedagogia e ministra as disciplinas de Conteúdos, Metodologia e Prática de Ensino de



Arte I e II. Pesquisadora do Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação - CELACC da Escola de Comunicações e Arte ECA/USP. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em cultural e arte popular brasileira , atuando principalmente nos seguintes temas: arte, educação, cultura, cultura subalterna e cultura e arte brasileira.


1 Introdução e apontamentos teórico-metodológicos

A festa é um acontecimento coletivo próprio do humano, composto de um conjunto formal e espontâneo de procedimentos e atitudes que refletem as formas de pensar e agir de um povo ou agrupamento social.

Ao longo do processo histórico de desenvolvimento do homem e de suas comunidades, as festas estiveram presentes como forma de marcar momentos iniciáticos da formação psíquica e social das comunidades; marcam a relação do homem com os ciclos da natureza, do tempo e das dinâmicas que cooperaram para perpetuar sua subsistência e sobrevivência, bem como com seus modos culturais. Celebram sua relação com o incognoscível. Assim, as comemorações festivas sempre acompanharam a evolução da humanidade, recriando os marcos, históricos ou não, que compuseram seu desenvolvimento.

No Brasil, as celebrações dos povos originários como agentes reguladores da dinâmica social eram em sua maioria atividades festivas. Com a chegada do europeu e a transplantação das culturas da África, as festas ganharam amplitude; nelas foram agregados diferentes elementos simbólicos que conservaram a concepção e as formas ritualísticas de origem.

Deste modo, quando, no desenrolar da história brasileira, a coabitação no mesmo espaço forçou a convivência de diferentes culturas, as festas também incorporaram múltiplos elementos, fazendo surgir novos significados e simbolismos para atender às necessidades que se impunham no transcorrer de nossa formação cultural, mantendo, em suas ações ritualísticas, elementos originários de cada uma dessas culturas. Nesta perspectiva, transformam-se na síntese do sentimento de brasilidade, expresso na música, danças, dramatizações, nos sabores dos pratos servidos, nas vestimentas, adornos e na decoração dos espaços ocupados, na estruturação do sentimento de ações coletivas vinculadas à religiosidade, ao profano, ao civismo, ao lúdico e ao reflexivo.




As festas populares também se modificam dialeticamente dentro das necessidades e dinâmicas do momento histórico das comunidades, ocasionando uma configuração de semelhanças e diferenças marcantes. Mantêm em seu núcleo atitudes e elementos imutáveis, elementos avatárticos, presentes principalmente em sua visualidade. Essas representações imagéticas registram e materializam os diferentes saberes das comunidades, sua memória coletiva e os saberes transmitidos pela oralidade são preservados. Os objetos e imagem que as festas produzem são entendidos, neste texto, como códigos comunicacionais das classes subalternas e se configuram em um valioso patrimônio imaterial e material.

Assim as representações imagéticas presentes nas festas populares são abordadas como elementos sustentadores do sentido de pertencimento e de identidade das culturas subalternas, já que, as festas, por si só, deixam transparecer uma dinâmica de constante evolução e adaptação no tempo e no espaço. Parte ainda, do pressuposto que a produção, a troca, a circulação dos bens e produtos que nelas transitam desencadeiam, concomitantemente, a divisão dos homens em camadas ou extratos sociais, determinado pelo **o quê e como** a sociedade produz e pelo modo de modificar e intercambiar suas produções e suas manifestações culturais. Este processo é apresentado como um procedimento filosófico e compartilhado com Ferreira:

Nesse contexto qual o papel da filosofia? O papel da filosofia é reunir o que está separado, fragmentado, dando um sentido de totalidade e de unidade ao homem e suas ações. Sem a interferência da filosofia, o mundo cognoscível seria um conjunto de forma de parcialidades, onde o conhecimento científico não teria a visibilidade necessária para gerar transformação. (FERREIRA, 2006, p.35).

Esse estudo fará uso de diferentes teorias que estão **“isoladas e dissociadas”**, mas que **mantêm** os princípios de uma **“unidade integradora”** entre **“teoria e método”** (FERREIRA, 2006). Deste modo, serão necessárias a utilização e integração de diferentes Ciências, resultando, como preconiza Ferreira, no uso da **interdisciplinaridade** e **interproblematização**, componentes do processo investigativo das Ciências Sociais, que é ao mesmo tempo: “unitária - universal e específica - particular” (FERREIRA, 2006) e priorizará o diálogo com diferentes ciências, necessário para demonstrar e sustentar as indagações propostas:

As manifestações imagéticas e iconográficas podem ser o elemento mantenedor e sustentador de permanência das festas populares e, portanto, as



portadoras e depositárias do *ethos* das culturas subalternas? Dito de outro modo. Esta permanência pode ser ancorada nos elementos visuais das festas?

Nesse sentido, para abarcar toda a dinâmica de multiculturas e interculturas presentes nas festas, far-se-á uso do termo de origem gramsciana de culturas subalternas ou cultura das classes subalternas. Ortiz (1985) infere que “o pensador italiano Antônio Gramsci, ao criar esta expressão, empregava-a no sentido de diferenciar patrimônio cultural do povo da cultura oficial” denominada também de cultura dominante, cultura das classes dominantes ou hegemônicas. Nessa perspectiva, ao eleger as festas populares como objeto de estudo objetivou destacar a necessidade da preservação das identidades culturais do país e das diferentes regiões que o compõe, como mecanismos de transformação e valorização de nossa cultura constantemente ofuscados pelas imposições culturais hegemônicas oriundas do neoliberalismo ou “novo colonialismo”, como denomina Ariano Suassuna.


Por conseguinte, o referencial teórico escolhido foi o método dialético que segundo Ferreira, pode ser dividido em três momentos de compreensão que nortearão este trabalho:

“a) gnosiologia, ou teoria do conhecimento. É o estudo da origem, organização e validade do mundo das ideias, enquanto representação das coisas objetivamente reais [...]” (FERREIRA, 2006, p.69) que se deu através dos estudos, de textos, livros e dos levantamentos bibliográficos feitos para subsidiar a compreensão das festas.

“b) lógica dialética, que estuda a estrutura e o funcionamento dos processos segundo os quais as ideias se relacionam umas às outras em operações mentais. A dialética é a compreensão da totalidade do real, incluindo, portanto, as operações do pensamento” (FERREIRA, 2006, p.69). A aplicação do conhecimento obtido nos estudos bibliográficos foi empregada na análise do objeto em si e nos estudos de campo, através de análise qualitativa e não quantitativa.

“c) epistemologia: representa a teoria da ciência, ocupando-se do resultado cognoscitivo obtido, cristalizado em determinada ciência” (FERREIRA, 2006, p.69). A elaboração teórica dos conceitos poderá desencadear resultados que explicitarão se as festas das culturas populares subalternas podem ser possuidoras de especificidades avatárticas visuais.

Nesta perspectiva, a festa de Folia de Reis foi selecionada como objeto de pesquisa, a Folia é uma celebração epifânica e assinala nas comunidades o início do ano,



dá sentido a existência, marca o primeiro ciclo das dinâmicas de relações com outras atividades festivas.

A festa reproduz simbolicamente a condição do caos mítico primordial, quando promove a anulação do presente. Assim, a festa é um simbólico retorno às origens – uma origem muitas vezes imaginária ou reinterpretada – necessário para garantir a integridade do indivíduo. (FERREIRA, 2005, p.75)


Outra característica das festas populares é que se modificam dialeticamente dentro das necessidades do momento histórico das comunidades, ocasionando uma configuração de semelhanças e diferenças marcantes. Em todo o Brasil, as Folias mantêm em seu núcleo atitudes e elementos imutáveis – elementos avatárticos – que podem ser detectados também em festas oriundas da Antiguidade, da Europa Medieval, de comemorações Africanas e dos Povos Originários.

Neste texto serão citados os principais objetos estéticos produzidos para a realização e celebração das Folias de Reis e seus componentes iconográficos, bem como pinturas de artistas pertencentes às culturas populares que as representaram e as registraram.

Deste modo, sob a ótica do estudo da iconografia, é possível compreender que as representações imagéticas e os objetos produzidos para as festas cumprem dupla função: auxiliar no entendimento e perpetuação das práticas ritualísticas e simbólicas aglutinadoras dos grupos geradores das culturas subalternas e propiciar uma reflexão crítica sobre as inúmeras conceituações pejorativas empregadas para compreender e classificar essas expressões artísticas oriundos do pensamento hegemônico.

Também se recorreu a Ortiz, pois ele considera que: “a consciência popular opera por bricolagem, ao contrário da cultura burguesa, que é global e unitária” (ORTIZ, 1985, p.45). Esta ideia de bricolagem orchestra a composição das bases culturais da brasilidade, que confere, por conseguinte, à riqueza e diversidade cultural encontradas nas festas e nas artes outro *status* e se convertem em importantes veículos para explicar e fundamentar o conceito de cultura nacional não oriundo somente das culturas hegemônicas, como se convencionou apresentar ao longo da historiografia das culturas no país:

Os rituais e costumes do passado não são somente soluções úteis ou meras expressões conservadoras. Seu sentido vai mais longe e se mostra mais nítido quando se descobre neles formas de resistir aos efeitos deformadores da cultura dominante. Nestas



manifestações, encontram-se soluções para o presente. Não se trata de conservadorismo, mas, em muitos casos, de preservação de uma base a partir da qual, resistir significa conservar a identidade, a dignidade e a solidariedade. (MAGUILES, 1991, p. 62).


Das múltiplas manifestações culturais do Brasil, as festas são um fato social e comunicacional que revela as crenças e as tradições de uma comunidade. Nesse sentido, a festa transcende o fato em si, a realidade e a imaginação, e faz acontecer um evento coletivo que apresenta uma circulação de sentidos polivalentes. Em outras palavras, a vivência e a presença de diversos elementos que compõem os eventos festivos representam a configuração do material e do imaterial de um grupo social, ou seja, é um fato comunicacional por excelência. Configura-se como uma bricolagem de manifestações culturais que muitas vezes se perderam de sua origem, mas que continuam na memória coletiva e arquetípica de um grupo.

A festa da cultura subalterna é um mosaico de diferentes manifestações esquecidas ou já recolhidas na memória longínqua que se apresenta com outras roupagens, possui características “avatática”.

A palavra avatar tem origem no sânscrito “Avatara” que significa descida, normalmente conotando uma das encarnações de Vishnu (Deus Hindu). Pode ser uma manifestação corporal de um ser imortal, por vezes, até do Ser Supremo, além de significar transformação, transfiguração, metamorfose de uma entidade imaterial em entidade real que mantém a sua essência através dos tempos. Os elementos avatárticos estão presentes principalmente nas manifestações visuais das Folias. É possível reconhecer as múltiplas manifestações visuais presentes que contribui para preservar a identidade das festas e das culturas subalternas.

As festas são importantes objetos de estudos para se compreender o *ethos* cultural de uma nação ou região e também para compreender como incorporam e salvaguardaram os elementos fundantes da cultura brasileira. Assim como as produções iconográficas dos artistas populares são registros e fontes que explicitam valores estéticos, simbólicos e didascálicos. Para subsidiar esse texto foram analisadas obras do acervo do Museu de Arte Primitiva de Assis “José Nazareno Mimessi”, fundado em 1982 e alguns registros do acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Universidade Estadual Paulista UNESP Campus de Assis.

Nesse estudo as pinturas do Museu e os documentos do CEDAP adquirem a dimensão de objetos únicos e importantes. É no texto visual que se garimpam as imagens



arquetípicas das comunidades e também das festas populares, pois o imagético pode se converter em sustentáculo do real, do imaginário e do espiritual.

2 A Festa


Festa é, portanto, consumação, dispêndio, sacrifício, troca-dom, reciprocidade, ou seja, o ato mesmo de produção da vida. [...] E começa como libertação do social, como troca-dom, como um outro nós. [...] A festa é o espaço da novidade, do encantamento, da alucinação. Ela nega a carência, a precariedade, sem negar a realidade [...] (PEREZ, 2003).

Nas representações plásticas mais antigas do homem já se registram atividades festivas, elas organizavam e demarcavam as atividades dos grupos sociais, agregando-se e articulando-se com a cultura de cada povo. Nas festas todos os membros do grupo compartilham as expectativas de elaboração e participação, unem o eu individual e o eu coletivo através da magia e do real.

As festas vinculam as comunidades com o inexplicável, com o que a terra dá: as colheitas e com o que a própria natureza tira: a morte ou destruição. Em muitas comunidades existem celebrações vinculadas à morte que adquirem caráter festivo, articulam-se com a necessidade de agradecer e de pedir proteção. Assim, desde primórdios da humanidade, as festas estão atreladas ao que é produzido pelo trabalho ou com as dádivas da natureza e acompanha a própria dinâmica de sobrevivência dos grupos e do homem com a dinâmica de dominação e domesticação da natureza, com o trabalho e as formas de produção.

Revelam, ainda, a cultura e memória dos povos. A festa é um conjunto de cerimônias e rituais, religiosos ou não, que confirma laços sociais. Nela as emoções e as lembranças são ativadas. Desencadeia uma catarse coletiva que fortifica as comunidades, preparando-as para continuarem seguindo seu cotidiano.

A festa traduz as múltiplas linguagens das culturas subalternas e das culturas hegemônicas, torna visível o que vem da mais íntima forma de ser e pensar: “a alma de um povo”. Seus rituais são usados para ordenar a dinâmica do tempo e do espaço, acompanham os calendários de cada cultura, propiciam sentido às ações da cotidianidade necessárias para equilibrar a dialética entre **o ser** e **o fazer**, segundo Ferreira (2006), possui uma profunda interação com a cultura ou categorias de cultura, da mesma forma que se transformam em **fatos sociais, históricos e políticos** de acordo com Itani (2003), e se convertem em representantes da cultura de um povo.



São também fatos sócio-comunicacionais-culturais, estruturas imutáveis e ao mesmo tempo mutantes, seus elementos e composição são repetidos ao longo dos séculos, mas incorporam constantemente em seu desenrolar as novas informações da evolução cultural e tecnológica do homem e das sociedades onde estão inseridas, são iguais e ao mesmo tempo desiguais. Seu caráter coletivo pode alcançar uma nação, país, como pode estar restrita a pequenas comunidades; são religiosas, profanas, cíclicas, móveis, públicas ou privadas.


Na atualidade, as festas são poderosos veículos comunicacionais que cumprem dupla função: salvaguardam as práticas ancestrais e as origens culturais das comunidades, assim como se articulam para que possam conviver, assimilar, selecionar e acomodar as informações dinâmicas e tempestivas trazidas ininterruptamente pelos meios massivos de comunicação.

Imbricadas nas comunidades, as festas são fatos sociais intrincados, possuem conjuntos de cerimônias, de rituais coletivos, presentes em celebrações de cunho religioso ou profano, e se conservam em função da colaboração de toda a comunidade, que se mobiliza para sua organização e, posteriormente, vivencia unida sua realização. A dinâmica de toda festa é um complexo de relações onde todos são atores e espectadores, produtores e consumidores; ela é performática. Nas festas, as relações comunicacionais se dão na sua amplitude e completude: na formulação dos mecanismos de organização primária de gerar as ideias, na articulação de sua estruturação e organização, na sua divulgação, na sua realização, na receptividade do fato e no seu vivenciar posterior.

No tempo das festas, o dia-a-dia é suprimido e outro tempo é inventado, uma realidade paralela coabita com a comunidade, onde o imaterial, o imemorable e o incomensurável se fazem presentes nos rituais, os sentimentos e emoções mais profundos são expostos, assim como as reentrâncias das tramas das relações sociais da comunidade são expurgadas.

A festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais de vida. (...) A festa é a expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida cotidiana. Da economia passa-se à prodigalidade; da discrição à exuberância. Surgem as manifestações de excesso, nos mais ricos por ostentação, nos mais pobres por compensação. (BIROU, 1966, p.166).

Atrelam os mandatários e os submissos, à cultura hegemônica e à cultura subalterna. Sua efetivação passa por várias esferas das camadas da sociedade, depende



de uma comunhão entre opostos e semelhantes e, desta maneira, reúne em suas realizações atitudes e negociações políticas, arranjos culturais, planejamento econômico. Também se apresenta como mediadora da apropriação de novas tecnologias pelas comunidades e como desencadeadora de relações com grupos maiores, utilizando-se dos canais massivos de comunicação da atualidade.


Elas são, ainda, um aglutinador de relações entre os parentescos, dos moradores das ruas e bairros com as diferentes instituições sociais. É nelas que as reconciliações com os membros da coletividade e com a materialidade e a imaterialidade se concretizam.

As festas trabalham, com as imagens psíquicas do indivíduo e da sua coletividade, os arquétipos presentes no inconsciente coletivo, no sentido que Jung (1964) os concebeu: as heranças das vivências e impressões das gerações que nos antecederam. É o acúmulo de sentimentos, pensamentos e lembranças, da evolução da humanidade, trocados no desenrolar da história.

Arquétipo vem do grego “*arkhétypos*” e remete para o modelo primitivo, para a gênese inata dos indivíduos e sua coletividade, projetada através de imagens latentes, primordiais. Os arquétipos que constituem o inconsciente coletivo são imutáveis e estão presentes em todas as culturas e indivíduos. Sua manifestação se faz através dos símbolos, ou linguagens simbólicas, pelas representações visuais desses símbolos a iconografia, ou ainda pelas mensagens subliminares. Desta forma, as festas carregam essas lembranças arquetípicas e reorganizam a psique coletiva e individual. Se o mito, para Jung, é a conscientização dos arquétipos, as festas com todas as suas simbologias podem ser suas materializações, tornando-se *personas* coletivas que representam o imaginário e os desejos de todos, carregam a história de uma comunidade.

Assim, não é possível olhar as festas por elas mesmas; mas sim, para as realidades que elas projetam **no** e **do** social. A festa revela a verdade das relações coletivas e individuais; nela ficam transparentes os desejos, as relações com o cognoscível e o incognoscível através de imagéticas mentais e concretas. Nesse sentido, todas as festas são acompanhadas de ritos ou de dramatizações, realizações performáticas – imagens gestuais – bem como de objetos simbólicos e imagéticos.

As festas são iconograficamente perpetuadas através de seus rituais, objetos e práticas, secretas ou não, objetos muitas vezes celebrados e confeccionados sem o conhecimento exato do porquê de sua realização e construção, práticas herdadas e passadas pelas gerações de formas repetitivas, usadas para ordenar a dinâmica do tempo e do espaço, propiciando sentido às ações da cotidianidade.



Toda festa também é um espelho sacralizado do cotidiano; portanto, nela são encontradas atitudes profanas e sagradas que religam o indivíduo e a comunidade. Nela seus participantes são *personas*, atores de uma outra realidade, mas são também viventes da realidade concreta da comunidade. São nas festas, travestidos de agentes organizadores ou participantes, que os membros das comunidades deixam transparecer através de atividades lúdicas uma crítica da sua realidade social. Desta maneira, a ordem social é momentaneamente rompida e o tempo invertido ou estancado.

Ao direcionar esse texto para as festas das culturas subalternas, buscou-se desvelar a cultura dentro da sua mais genuína manifestação. Conforme Ferreira, nela é possível verificar as relações que fortalecem os “laços sociais identitários”, e são, ainda, manifestações que:


[...] ultrapassando a barreira do tempo, enfrentando diversas dificuldades de diferentes aspectos, vivenciando intensos processos de aculturação, de sincretismo e mesmo de proibições, prevalece até a atualidade numa reafirmação da cultura como força propulsora de processos civilizatórios integradores e, também, como poderoso instrumento de comunicação. (FERREIRA, 2005, p.62).

3 A Festa no Brasil

No sábado seguinte a cidade revestira desusado aspecto. De toda parte corra uma chusma de povo que ia assistir à festa anual do Espírito Santo. Vão rareando os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores do século futuro não de estudar com curiosidade, para pintar aos seus contemporâneos um Brasil que eles já não hão de conhecer. (MACHADO DE ASSIS).

As festas estão presentes na constituição da brasilidade, atuaram como formas agregadoras da dicotomia entre poder e submissão, vida e morte, religioso e profano próprios do país. Entram como possibilidades de reintegração e redirecionamento do cotidiano e apontam para o exercício de uma identidade construída no mais significativo sentimento de interiorização de uma comunidade, a sua espiritualidade, motivo, na grande maioria das vezes, das realizações das festas no Brasil.

Nos primórdios da colonização brasileira, período que coincide com a implantação das ideias da Contra Reforma, a forte presença Jesuíta na Colônia fez com



que cada núcleo habitacional fosse precedido da construção de uma capela. Esta forte religiosidade transforma as capelas e as igrejas em centro irradiador de toda a vida da Colônia: era antes ou após as missas, rezas ou festas religiosas que notícias eram trocadas, planejamentos econômicos e políticos eram explicitados e a vida cotidiana era comentada e reavaliada.

As festas religiosas do período da colonização traziam em sua constituição o teatro, a dança, os cortejos; vieram com os jesuítas e colonizadores, impregnaram o imaginário popular rural e urbano e adentraram os séculos. Transformaram-se em acontecimentos esperados e reguladores das comunidades.


Nelas, uma sociedade do espetáculo e para o espetáculo se formou, independentes de serem sagradas ou profanas – não se diz que o Brasil é o país do carnaval e que o ano brasileiro só começa na quarta feira de cinzas? Assim, o tempo foi e é marcado, e as relações sociais são reguladas em muitas comunidades do país, pelo antes e depois das festas.

No início da colonização os jesuítas perceberam que, para atrair e cativar os povos originários, a música era uma boa estratégia, e foi através dela que foram introduzidas algumas atividades festivas religiosas dentro dos colégios, como a grande encenação para a comemoração do Martírio das Onze Mil Virgens, inaugurando no país uma forma religiosa de comemorar os santos e feriados religiosos.

A dramatização e a encenação já eram utilizadas e difundidas na Europa desde o medievo, reconhecidas como forma eficaz de evangelização; nas encenações da colônia, como na Europa, o profano se mesclou com o sagrado, gerando as características marcantes das festividades denominadas folias presentes em todo o território nacional.

As folias tiveram suas origens na península ibérica; eram danças acompanhadas de instrumentos musicais, principalmente castanholas e pandeiros, onde os homens se vestiam de mulheres e saíam às ruas numa dança selvagem. Gil Vicente, no Auto da Sibila Cassandra (1511), apresenta um personagem cantando folia, assim como outros autores se referem às folias como uma dança ligada aos ritos de fecundidade em sua origem, nelas, o uso de máscaras foi comum.

No Brasil colônia, nas atividades oficiais do governo, quanto da Igreja romanizada, o povo ficava apartado, destinado a permanecer como mero espectador. Mas, nas procissões, como a de *Corpus Christi*, Nossa Senhora do Rosário e a do Divino, era permitido ao povo participar. Nessas atividades, os autos, reminiscências da Igreja Medieval, eram encenados e as folias aceitas: era uma forma dos poderes oficiais




utilizarem as dramatizações e encenações de fatos bíblicos, biografia dos santos e o giro das folias, como meio de evangelização, controle ideológico, moral e religioso. Com a presença do povo nos festejos, são incorporados ritmos, danças, sabenças e crendices profanas.

E o capelão da Lampadosa, percorrendo com vista a igreja pomposamente adereçada, dirigia-se à sacristia, tomava o Compromisso da Irmandade, lavrando os termos que deviam ser autenticados pelo Rei e pela Rainha na terminação do ato. [...] Esquisitos no trajar, no semblante, nos gestos, negros e negros novos irrompiam de dada lado, entregues à obediência de seus chefes, à vigilância nunca iludida da polícia, que os empreitava. [...] Da capelinha, de portas fechadas, o capelão à janela recreava-se do selvagem espetáculo, e os negros de nação, em pleno dia de Reis, julgavam-se venturosos de sua sorte, esquecendo-se dos desertos de sua terra e das travessias do mar. (MORAES FILHO, 1979, p. 226-228).

Essa dinâmica de ter nos espaços festivos, atividades profanas e de cunho religioso propicia o surgimento de um catolicismo oficial e outro catolicismo estruturado pelo povo. Roger Bastide (1960) define essa dualidade como “catolicismo oficial” e “catolicismo popular”.

Com a consolidação da colônia o número de membros da Igreja oficial não é suficiente para atender a demanda e a Igreja passa a delegar para leigos e membros das inúmeras confrarias religiosas que surgem neste período a organização e assistência religiosa à grande massa de mestiços, negros e membros das nações originárias. Desta forma, as festas também passam para o controle dos leigos.

O espírito festivo da colônia foi forjado sob a proteção do Estado e da Igreja e todo acontecimento religioso era transformado em festa e sua preparação e realização mobilizavam a população rural e urbana em vários dias de organização. [...] As Ordenações do Reino fixavam em quatro o número de procissões anuais, às quais era obrigatório comparecer: a São Sebastião (janeiro), Corpus-Christi (maio ou junho), a Visitação (julho) e a do Anjo da Guarda (julho). Em 1757, uma procissão foi acrescentada: a de São Francisco de Borgia, protetor do Reino. Era incumbência da municipalidade o controle da participação nas procissões, sobretudo das autoridades locais. A presença das confrarias



e das irmandades, com seus emblemas e bandeiras, era obrigatória. (PEREZ, 2000, p.11).

O dia da festa era o dia de encontro de todas as camadas que constituíam a colônia, senhores se deslocavam de seus engenhos e propriedades rurais com suas famílias e séqüitos de escravos e subordinados. Os núcleos urbanos eram transformados numa efervescência de diferentes atividades: casamentos, batizados, negócios realizados, bem como se pulverizavam as estratificações sociais e raciais.


Neste burburinho em que se transformavam as pequenas cidades, a música, a dança, a comida, a reza de diferentes procedências e culturas e vários códigos foram se fundindo, o caldeamento de uma nova cultura se delineando e uma sociedade do espetáculo e para o espetáculo se formando: nosso caráter festivo. As novenas, a procissão e a festa propriamente dita constituíam os momentos centrais. A igreja e as tribunas erigidas na praça, ornadas de bandeirolas, as feiras, a música das bandas, os fogos de artifício, os sinos tocando sem parar, em resumo, um espetáculo extraordinário, grandioso, a que as pessoas assistiam maravilhadas. (PEREZ, 2000, p.11).

Das atividades religiosas do interior das confrarias dos senhores e do povo o desdobramento festivo alcançava as atividades laicas como os bailes e os banquetes e uma nova ordem social surgia. Toda atividade festiva e religiosa era organizada por um festeiro ou membro dirigente das confrarias que adquiriam o status de condutores espirituais e sociais, exercendo uma liderança paralela aos poderes oficiais como os festeiros da atualidade.

As festas da colônia vão ganhando força e se agregando ao imaginário da grande massa. Porém, é no período barroco que elas ganham destaque como *ethos* da cultura em formação.

O barroco brasileiro, antes de tudo, é apresentado por muitos teóricos, como a arte da comunicação para as massas por excelência e, conseqüentemente, a visão de mundo do período no qual esteve inserido é gravada em suas manifestações artísticas. Nesse período foi assentada a base do que se considera brasilidade para muitos estudiosos. Assim, para falar das festas brasileiras, é necessário falar das festas barrocas.

Na recente literatura brasileira sobre esse tema, é consenso apontar as festas do período barroco como matriz geradora das manifestações festivas encontradas nos



dias atuais. Nelas são descritas festas que ganharam dimensão de fatos históricos como o *Triunfo Eucarístico*.

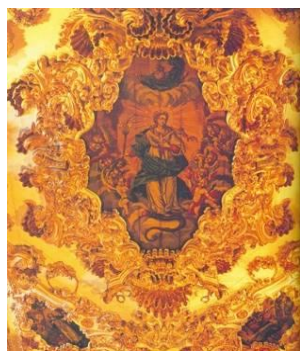
A festa barroca é apontada pela historiografia como estruturante da tessitura de interpenetração de culturas e dicotomias, podendo ser estudada como um fato social. Nas descrições das festas barrocas, os elementos iconográficos são detalhadamente evidenciados, fornecendo, para o pesquisador atual, um fértil campo para o cruzamento das informações obtidas nas festas realizadas na contemporaneidade, propiciando a análise do deslocamento de seus elementos fundantes.

[...] a festa do Triunfo Eucarístico, resultado do empenho da população na construção da Igreja - , mostrou em detalhes a abundância de ouro e diamantes nas vestimentas e enfeites dos mineiros.[...] O Acontecimento havia sido anunciado por um bando de mascarados, e, no dia da festa, as janelas das casas amanheceram enfeitadas com sedas e damascos. Após a missa, deu-se início a procissão, constituída por uma dança de turcos e cristãos com dois carros, dentro dos quais iam músicos de suaves vozes e vários instrumentos, uma dança de romeiros, uma dança de músicos, os quatro cavalheiros dos ventos (norte, sul, leste e oeste), um cavalheiro alemão tocando clarim, dois negros galantemente vestidos, dois pajens com roupas de ouro e diamantes encravados, que davam “Vivas a Ouro Preto”, duas figuras significando os morros de Ouro Preto e Ouro Fino, as sete figuras representando os planetas, esses últimos precedidos pela Lua e as figuras representando as estrelas d’Alva e da Tarde, além do sol. As várias irmandades, com suas cruces e seus andores, eram precedidas por um gaiteiro. Por fim, seguia um numeroso séqüito de nobres e moradores da vila com o andor, o numeroso clero das duas paróquias da vila e o Eucarístico Sacramento nas mãos do vigário da Matriz .[...] A festa prosseguiu com nova missa e, nos dias seguintes, ocorreram cavalhadas, espetáculos de fogos de artifícios, comédias, três dias de touros, serenatas e banquetes para os nobres. (MASSIMI, GUEDES. 2004,p77).

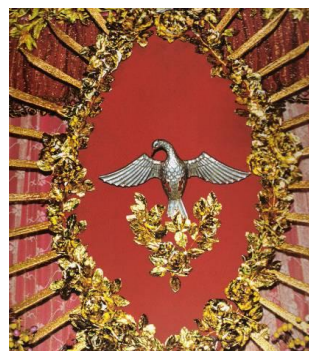
Os elementos iconográficos encontrados nas festas barrocas do período colonial brasileiro transcenderam os séculos e continentes e podem ser estudados como materialização e visão holística do viver do homem. Desta forma, a cultura brasileira possui um “*ethos* barroco” presente na atualidade e perfeitamente visível nas festas mais populares como o carnaval, as procissões de Semana Santa, os desenhos dos tapetes das procissões de Corpus Christi, as cavalhadas e cururus, o carnaval de Olinda, e ainda

no uso das bandeiras, mastros, máscaras e fantasias, presentes em quase todas as festas da atualidade. Nossa barroquização contemporânea.

Nas imagens abaixo se observa a transferência ou apropriação, não intencionada, dos elementos estéticos encontrados numa pintura barroca para outros da atualidade, como os percebidos na bandeira do Divino.



Teto de igreja barroca ¹



Detalhe de Bandeira do Divino ²

Segundo Perez, o barroco e seu desdobramento nas festas explicitam uma atitude estética, ética e filosófica, não em sua dimensão estritamente artística, mas de estilo de vida, de atitudes vivenciadas no cotidiano.



Palma ³



Objeto que compõe a figura de lemanjá ⁴

O que é notável no Brasil é o quanto, para além das periodizações canônicas da História da Arte, o barroco se desdobra nesses resíduos

¹ Teto da nave central da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, Recife, Pernambuco *in* **Universo Mágico do Barroco Brasileiro**, Emanuel Araújo (curador) – São Paulo: SESI, 1998, p. 198.

² Bandeira do Divino, São Luis do Paraitinga, São Paulo. *In Festas de Fé: Brasil*, de Percival Tirapeli e fotografias de Rosa Gauditano. São Paulo: Meta Livros, 2003, p. 74.

³ Palma de altar, séc. XVIII, prata, 65x35x18 cm, Mosteiro de São Bento de Olinda, PE. *In Universo Mágico do Barroco Brasileiro*, Emanuel Araújo (curador) – São Paulo: SESI, 1998, p. 299.

⁴ *In Danças Populares Brasileiras*, coordenação Ricardo Ohtake, fotos de Rômulo Fialdini. Projeto Cultural Rhodia, 1989, p. 157

seiscentistas que, como assinala com razão Affonso Ávila (1967), se espraiam como fenômeno de civilização, nos centros urbanos [...] É um fenômeno de civilização porque constrói ao mesmo tempo uma mentalidade e um estilo de vida, (MONTES, 1998).



Detalhe da fachada da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador/BA

5



Porta Estandarte de Maracatu⁶



Tapete da procissão de Corpus Christi⁷

Mesmo após a chegada da Missão Artística Francesa no primeiro reinado, que oficializou uma arte tipicamente hegemônica – o neoclassicismo – e com os esforços em propagar a modernidade introduzida na virada do século XIX para o século XX para refazer nosso - *atraso* estético, **o povo continuou barroco** e foi, exatamente, na implantação e consolidação do modernismo brasileiro e na atualidade que nossas heranças culturais barroquizadas foram valorizadas como elementos “antropofágicos” de nós mesmos. Não mais comemos o Bispo Sardinha, comemos a nós mesmos.


Na atualidade, esse barroquismo é visto como forma de marcar a identidade no mundo globalizado, não só de caráter estético, mas principalmente como modo de viver e se relacionar com as dicotomias sociais implantadas a partir da independência, da virada modernizadora das primeiras décadas do século XX, e hoje, no neoliberalismo.

4 O Museu de Arte Primitiva de Assis e sua Arte Desconhecida

⁵ Fachada em pedra lavada da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador/BA. Foto da autora, 2007.

⁶ In **Danças Populares Brasileiras**, coordenação Ricardo Ohtake, fotos de Rômulo Fialdini. Projeto Cultural Rhodia, 1989, p. 34.

⁷ Tapete da procissão de Corpus Christi, São Manoel/SP, 1986. In **Festas de Fé: Brasil**, de Percival Tirapeli e fotografias de Rosa Gauditano. São Paulo: Meta Livros, 2003, p. 71.



A cidade de Assis/SP abriga um museu de arte – “Museu de Arte Primitiva de Assis José Nazareno Mimessi”, que leva o nome de seu fundador, mineiro de Caxambu. Corretor de seguros e imóveis, poeta, autodidata como pesquisador da Pintura Popular, doou obras de seu acervo para articular o início do museu, fundado em 18 de Outubro de 1982 e regulamentado pela Lei Municipal nº 2.180.


Mimessi, no mesmo tempo que se empenhava para ampliar o acervo, mantinha uma extensa correspondência com pintores, museus, críticos de arte, galerias, marchante e estudiosos de todo o Brasil, documentando a trajetória e vida dos artistas pertencentes ou não ao Museu.

Após sua morte, essas cartas, outros documentos e textos foram encaminhados para o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis. No CEDAP, os arquivos de Mimessi estão agrupados em dossiês de artistas. Cada artista possui um envelope que contém cartas trocadas com Nazareno, recortes de jornais, textos de livros pesquisados, cartazes de exposições, folhetos e *folders* de apresentação, cartões de visitas e outros registros.

Compreender, as representações das festas e representações do cotidiano presente nas obras do museu é uma forma de conhecer os mecanismos que permitiram e permitem a conservação, a adaptação e a hibridização das tradições mantidas nas festas que se realizam no país. Os acervos de Assis – Museu e CEDAP – são um legado fundamental para promover e explicitar a identidade das culturas populares do país.

Na análise das manifestações plásticas do Museu, fez-se necessário recorrer novamente ao pensamento gramsciano, visto que nele é possível ancorar uma conceituação capaz de embasar teoricamente uma área de estudo carente de debates, já que, nos meios acadêmicos, ainda são poucos os estudos relativos às artes populares. As sustentações teóricas são dicotômicas e têm como ponto da partida a arte erudita, ou as manifestações contemporâneas. O pensamento Gramsci esclarece:

[...] Pode-se dizer que, até agora, o folclore foi preponderantemente estudado como elemento “pitoresco” (na realidade, até agora, foi apenas coletado material de erudição, e a ciência do folclore consistiu, sobretudo, no estudo sobre o método para coleta, seleção e classificação desse material) [...] Seria preciso estudar o folclore, ao contrário, como “concepção do mundo e da vida”, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição [...] às concepções do mundo “oficiais”, ([...]



o folclore filosófico.) [...] só pode ser compreendido como um reflexo das condições de vida cultural do povo, ainda que certas concepções próprias do folclore ou perdurem mesmo depois que as condições foram (ou pareçam ter sido) modificadas ou, então, dêem lugar a combinações bizarras. [...] Portanto, conhecer o folclore significa, para o professor, conhecer quais são as outras concepções do mundo e da vida que atuam de fato na formação intelectual e moral das gerações mais jovens [...] (GRAMSCI, 2002, p. 133-136).⁸

Também as conceituações de Canclini (1983) são relevantes para subsidiar as considerações elaboradas sobre arte popular. Em seu livro “As culturas populares no capitalismo”, defende o uso do termo **culturas populares** por serem as manifestações que caracterizam as diferentes comunidades que constituem as camadas subalternas e utiliza o conceito de **subalternidade** quando analisa as produções populares que se mostram em oposição às proposições das culturas hegemônicas.

Para o autor, as culturas populares derivam “também do fato de que o povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, produção, reprodução e reelaboração simbólica.” Canclini (1983)


Os documentos do CEDAP são a voz dos artistas das classes populares subalternas e explicitam as relações que possuem com a cultura hegemônica, como efetuam a leitura do seu entorno e, principalmente, é possível ver nesses relatos o percurso dos seus processos criativos e como definem suas criações:

[...]CARDOSO E SILVA, pintor, poeta e mágico.Figura das mais curiosas desta terra de tão diferentes tipos humanos, [...] sua pintura simples e ingênua tem interesse. [...] mas tudo é animado por uma visão estranha e agradável de seu olhar, um sopro de alegria lava as fachadas das igrejas, que são seu principal assunto, ele as pinta das mais berrantes cores, são de ver e não de rezar, vaidosas de aparecer como enfeitadas para festas de rua.[...] O artista bebe na arte a água que a vida lhe nega. Dela tira seu sustento de alegria e de paz. (CELESTINO, 1972)⁹

No último dia doze, encerrou-se na galeria de arte do SENAC, a exposição do pintor Redencense, Toninho Mendes, conhecido por todos

⁸ A citação remete para a idéia de “folclore” como o “fazer” das classes subalternas e, como as manifestações plásticas do Museu são fazeres representantes dos provenientes das classes populares, Gramsci aponta como é importante compreender e valorizar este “fazer” esta arte. Este trecho encontra-se no Caderno 27 (1935): Observações sobre o “folclore”, volume 6, da coleção Cadernos do Cárcere, onde são apresentados seus textos sobre literatura e folclore.

⁹ Trechos de documentos do arquivo de José Nazareno Mimessi, CEDAP, Assis/SP.



nós, pela seriedade de seu trabalho e, principalmente, por retratar em suas obras, nosso vasto folclore e a riqueza dos folguedos e festas populares [...] Nas festas era comum a apresentação de congadas, folias, moçambique e muitas outras coisas que foram desaparecendo, creio que pelo descaso das autoridades em geral, que não se interessam, talvez até por falta de visão maior em relação a isso.[...]

Jornal de Boas Notícias de Redenção da Serra.


Taubaté mostra, no Pilar, a arte das figureiras da Imaculada.

Consideradas como modelo do artesanato paulista, as figuras de barro das artistas da Imaculada ultrapassaram fronteiras e hoje são admiradas em diversos países, principalmente da Europa. Cândida, uma das expositoras, venceu o concurso da Secretaria do Trabalho para escolha da peça símbolo do artesanato paulista. Seu pavão foi o escolhido.

Jornal Vale Paraibano de 9 de dezembro de 1981, p. 8.

[...] Assim que chegávamos da escola, eu e meu irmão Benedito, momentos depois, iniciávamos nos afazeres das figuras juntamente com minha Mãe e à tarde com a chegada de meu Pai depois de encerrar seu expediente no Correio, também preparava para trabalhar nos acabamentos de pintura indo até altas horas da noite. E assim prosseguíamos todos os dias os mesmos trabalhos e após alguns meses as prateleiras, mesas e até mesmo o chão estavam repletos de figuras⁽¹⁰⁾ já prontas e pintadas para serem vendidas. Aos sábados e domingos eu as vendia no Mercado Municipal, também na loja do saudoso Sr. Leontino Rosa podiam-se encontrar as nossas figuras, algumas pessoas compravam para vender em outras cidades vizinhas, enfim, nossos trabalhos artísticos espalhavam-se por diversos lugares e eram bem aceitos. [...] O tempo foi passando eu continuava a pintar, mas ainda não tinha um estilo definido [...] um dia resolvi pintar um quadro ao meu modo e saiu um primitivo [...] Foi em 1974 que realmente defini meu próprio estilo, o primitivo [...] Atualmente continuo pintando, fazendo figuras em argila [...] Antonio da Silva

¹⁰ As figuras moldadas, segundo o relato da carta do artista, eram presépios.



As artes produzidas pelas culturas populares retratam tradições que se articulam com a estrutura psicossocial das populações, como na escolha das cores, dos temas, na forma de retratar o cotidiano e, principalmente, porque não estão preocupadas em teorizar e questionar o viver e sim em retratá-lo como ele é, bem como é retratada nesse mesmo viver a sensibilidade de cada um – é o olhar de quem está dentro do processo e não daquele que se utiliza dele para criar uma nova leitura das realidades. Essa atitude de olhar de fora é própria da arte erudita

As artes populares fazem por elas mesmas o que o modernista Mário de Andrade se propôs a fazer pelo modernismo: “Estou inteiramente pau-brasil e faço uma propaganda danada do pau-brasilismo. Em Minas, no Norte, Pernambuco, Paraíba, tenho amigos que estou paubrasileirando”. (AMARAL, 1975, p. 369-370).

6 Iconografias como processo comunicacional das folias de reis e seus elementos avatárticos.

Os elementos visuais das festas e das folias são elementos avatárticos que incorporam o sentido do transcendente, do divino, eles se apresentam com características próprias em diferentes regiões e culturas, mas promovem e identidade de cada festa.

Nas Folias de Reis, alguns elementos como as bandeiras, os palhaços, as máscaras, a montagem do presépio, os arcos, o banquete e a própria espacialidade criada nas realizações das festas podem ser entendidos como avatares da espiritualidade das Folias.

Tomando a bandeira como exemplo, elas sempre foram elementos materiais que simbolizaram o poder, a divindade ou a essência do que representavam, como a identidade de um povo. Desta forma, a bandeira, nas folias, materializa o elemento divino; é através dela que o elo entre o divino e o terreno é estabelecido; por isso, em todas as cerimônias de Folias de Reis, ela se faz necessária. Na pesquisa de campo realizada, foram encontradas diferentes bandeiras em tamanho, material de confecção, cores; mas o sentido de ser elo entre o divino e o terreno é reconhecido e respeitado em todas as folias estudadas e alguns elementos iconográficos não se alteram, como a representação da cena da natividade e a presença da figura dos reis magos. Também é visível a necessidade de se aproximar o modelo idealizado do mundo divino, percebida na forma como os foliões representam o sagrado na bandeira – nela são incorporadas características estéticas próprias de cada comunidade.

Na bandeira da Folia de Ribeirão Grande, Ourinhos/SP, a representação do bairro rural onde a festa acontece é detalhadamente próxima da espacialidade real da comunidade. Quem olha para a imagem da bandeira, imediatamente reconhecer as características geográficas do bairro. Assim, o sagrado manifestado na bandeira é a imitação da espacialidade daquela comunidade.




Bandeira da Folia de Ribeirão Grande, Ourinhos/SP¹¹



Bairro de Ribeirão Grande, Ourinhos/SP¹²

¹¹ Foto da autora.

¹² Idem.



Sendo assim, montar os presépios, levar a bandeira, levantar o mastro e os arcos pode ser compreendido como avatares, que possibilitam repetir e reviver os acontecimentos sagrados da natividade e estabelecer um elo com o nascimento Divino e com as epifanias. Por isso, os rituais das folias e os elementos visuais que as caracterizam são sempre mantidos em sua essência, mesmo quando os grupos se apropriam das facilidades tecnológicas da atualidade.

Do mesmo modo, os elementos plásticos são perpetuados pelo sentido ritualístico das festas e, para se preservar os rituais, é necessário transmitir o conhecimento do sagrado neles contidos pela oralidade, presente na memória coletiva que preserva os códigos da dimensão do sagrado através da confecção e elaboração dos elementos simbólicos que os caracterizam. A memória coletiva é preservada e transmitida pelas imagens visuais mantidas nas festas, bem como pelas imagens criadas pela oralidade.

7 Conclusão

Pelos estudos realizados é possível afirmar que as manifestações imagéticas e iconográficas podem ser o elemento mantenedor e sustentador de permanência das festas populares e, portanto, as portadoras e depositárias do *ethos* das culturas subalternas. Dito de outro modo, esta permanência pode ser ancorada nos elementos visuais das festas que se modificam dialeticamente dentro das necessidades e dinâmicas do momento histórico das comunidades, ocasionando uma configuração de semelhanças e diferenças marcantes. Ainda, as festas populares mantêm em seu núcleo atitudes e elementos imutáveis – elementos avatárticos – presentes principalmente nas manifestações visuais constitutivas da identidade das festas das culturas populares e subalternas.

Portanto, as festas são vistas neste trabalho como um fato social e comunicacional que revela as crenças e as tradições de uma comunidade. Nesse sentido, transcende o fato em si, a realidade e a imaginação, e faz surgir um evento coletivo que apresenta uma circulação de sentidos polivalentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDIES, Jacques. **A arte naif no Brasil**. São Paulo: Galeria Jacques Ardies, 1998.



ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

ASSIS. Machado. **A parasita azul**. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000186.pdf>>. Acesso em: 26 de outubro de 2008.

AVANCINI, José Augusto. **Arte e Cultura da América Latina**. Ano II, nº 3 – Setembro, 1992. São Paulo: Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1989.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. **A memória do sagrado: Estudos de religião e ritual**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. RS: Unisinos, 2003.


CAES, André Luiz. **A Devoção a Sathya Sai Baba e a Integração de Aspectos do Hinduísmo ao Universo Religioso Brasileiro e Ocidental**. Revista Eletrônica Rever - ISSN 1677-1222. n.4, ano 6, 2006. SP: PUC.

CALVINO, Ítalo. **A palavra escrita e a não-escrita**. in: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Usos & Abusos da História Oral. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CANCLINI, Nestor G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CELESTINO, Antonio. **Cardoso e Silva: Gente da Terra**. São Paulo: Martins Fonte, 1972.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.



COSTA, Soledade M.; BARROS, Jorge. **Festas e Tradições Portuguesas: Ritos, Memória e Identidade.** Portugal: Editora Círculo de Leitores, 2002.

ELIADE, Mircea. **O conhecimento sagrado de todas as eras.** São Paulo: Mercuryo, 1995.

_____. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). **A tradição e seu significado para o turismo cultural: o Vale do Paraíba.** São Paulo: CELACC- ECA/USP, 1999.

_____. (colab.) **Globalização e Identidade Cultural na América Latina.** Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CEBELA: São Paulo, 1995.

_____. (Org.). **Cultura subalterna e neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina.** São Paulo: CELACC- ECA/USP, 1997.


_____. (org.). **Identidade cultural e turismo emancipador: a experiência italiana.** São Paulo: CELACC- ECA/USP, 2005.

_____. **Alternativas Metodológicas para a produção científica.** São Paulo: CELACC - ECA/ USP, 2006.

_____. **Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade.** Comunicação e Política. São Paulo: CEBELA, v. 7, nº 1, nova série, jan-abr, 2000.

GARBOSI, Francisco. **História, mensagens e embaixadas de Folia de Reis.** Londrina: Francisco Garbosi, 2002.

GONÇALVES, Maria Célia S. **Folia de Reis: O eco da memória na reconstrução da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais.** IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14437-04.pdf>>. Acesso em: 23 de junho de 2008.



GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 1 a 6. Trad. COUTINHO, Carlos N. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Coleção em 6 volumes.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985,

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio e Janeiro, Paz e Terra, 1984.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: Unes, 2003.

JEUDY, Pierri H. **Memórias do social**. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.(Ensaio e Teoria)

JOLY, Martine. **Introdução á Análise da Imagem**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus Editora. 1999

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.


JURKEVICS, Vera I. **Festas religiosas: A Materialidade da Fé**. História: Questões & Debates. Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/7863/5547>>. Acesso em: 15 de maio de 2007.

KANTOR, Íris (Org.) *et al.* **Festas e Sociedades na América Portuguesa**. v.2.São Paulo: Hucitec, 2001.

LEITE, Serafim. **Os jesuítas na Vila de São Paulo**. Antologia. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, v.202, p.29-61, 2004.

MADRÍZ, Maria Fernanda. **La Cultura Popular en Gramsci**, Caracas, Anuário ININCO, nº 2, 1989, UCV.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e laser na cidade**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2003.



MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?:** uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2004.

MASSIMI, Mariana; GUEDES, Maria C. **História da Psicologia no Brasil:** Novos estudos. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MONTES, Maria Lúcia A. **Entre O Arcaico e o Pós-Moderno, Uma Cultura da Festa.** Revista Sexta-Feira, São Paulo, v.2, 1998. Disponível em:
<http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/entre_o_arcaico.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2008.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares no Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MORAES, Denis de (org). **Por uma outra comunicação:** mídia, mundialização cultural e poder. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MUSEU DE PINTURA PRIMITIVA DE ASSIS (Assis, SP). **Catálogo comemorativo do 2º Aniversário do Museu de Pintura Primitiva de Assis:** catálogo. Assis, 1985. Catálogo nº 4.

NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **Contraste da intimidade contemporâneo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (História da Vida Privada – vol. 1, 2, 2, e 4.

ORTIZ, Renato. **Cultura Popular:** Românticos e Folcloristas. São Paulo: Olho D`água, 1985.

PEREZ, Léa F. **Breves notas sobre a religiosidade brasileira.** Brasil 500 anos, Belo Horizonte, p. 40-58, 01 jun. 2000. Disponível em:<
<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf> >. Acesso em: 20 de junho de 2008.

_____. **Dionísio nos trópicos:** festa religiosa e barroquização do mundo. Espaço virtual da internet: comunidade virtual de antropologia, 2003 (Textos publicados). Disponível em:< <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf> >. Acesso em: 20 de junho de 2008.



PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Publifolha, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** — a formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIOS, Sebastião. **Os cantos da festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis**. Sociedade e Cultura, vol.9, n.1, jan/jun. 2006, p.65-76. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/215/185>>. Acesso em: 20 de julho de 2008.

SALIBA, Elias T. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2004.


SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**, Rio de Janeiro: 1974, p.174.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance**. 2002. Disponível em: <http://hemi.nyu.edu/courserio/perfconq04/materials/text/OqueePerformance_Schechner.htm>. Acesso em: 22 – Dez - 2008.

SILVA, Dilma M. **Arte e Cultura da América Latina**. Ano II, nº 2 – Julho, 1991. São Paulo: Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA.

SILVA, Francis P. L. **Misticismo popular na poética mineira**. *In*: V Congresso de Letras - Discurso e Identidade Cultural, 2005, Caratinga. V Congresso de Letras - Discurso e Identidade Cultural - CD Rom. Caratinga: UNEC, 2005. v.1. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/248/326>>. Acesso em: 15 de março de 2007.

SILVA, Rubens Alves da. **Entre "artes" e "ciências"**: a noção de *performance* e drama no campo das ciências sociais. **Horiz. antropol.**, - Porto Alegre,- v. 11,- n. 24, Dec.- 2005 .- Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22- Dez.- 2008. doi: 10.1590/S0104-71832005000200003.



SILVEIRA, Ênio (Org.). Encontros com a civilização brasileira. RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1, p.9-23, 1978.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TURNER, Victor W. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1988.

VANNUCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**: o que é, como se faz. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

VICENTE, Gil. **Obras de Gil Vicente**. Portugal, Porto: Lello & Irmão Editores, 1965.

